



A SACRALIDADE DA UTOPIA EM *UMA VIAGEM AO CÉU*, DE LEANDRO GOMES DE BARROS

*THE SACREDNESS OF UTOPIA IN A JOURNEY TO HEAVEN, BY
LEANDRO GOMES DE BARROS*

Vinícius Ryan de Sousa Montenegro
<https://orcid.org/0000-0003-2437-8609>
Universidade Federal de Campina Grande
viniciusryaan@gmail.com

Viviane Moraes de Caldas
<https://orcid.org/0000-0002-8898-2568>
Universidade Federal de Campina Grande
viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br

Resumo: o fenômeno da sacralidade, recorrente tanto em sociedades antigas quanto em diversas práticas do mundo contemporâneo, postula uma conexão transcendental entre a humanidade e o divino. Uma das crenças mais representativas do sagrado é a existência de realidades perfeitas nas quais o homem é envolvido por recursos e dádivas abundantes, perspectiva que engloba, hodiernamente, a chamada utopia. Com isso em mente, o presente artigo objetiva discutir uma possível representação do sagrado no cordel *Uma viagem ao céu*, do cordelista Leandro Gomes de Barros. Para tal feito, a metodologia utilizada é de natureza interpretativa com abordagem qualitativa, de forma que seja possível compreender a sacralidade do céu criado pelo poeta paraibano durante a narrativa poética do cordel *Uma viagem ao céu*. O aporte teórico se baseia nas reflexões de Eliade (2018; 2019) e Durand (2012) sobre as relações entre o homem e o divino, bem como nas contribuições de Alves (2018) e Wanderley (2024) a respeito da produção literária de Leandro Gomes de Barros e a relação do cordel com a mitologia greco-romana. Os resultados mostram que o céu criado pelo escritor paraibano, além de funcionar como uma crítica às mazelas da sociedade, apresenta o sagrado como força representativa de planos superiores de existência. Conclui-se, portanto, que para alcançar tais realidades idôneas, é imprescindível realizar movimentos que incitem a incessante busca pelas forças localizadas no arquétipo celeste.

Palavras-chave: Cordel. Leandro Gomes de Barros. Sacralidade. Utopia.

Abstract: the phenomenon of sacredness, recurrent in both ancient societies and various practices in the contemporary world, postulates a transcendental connection between humanity and the divine. One of the most representative beliefs of the sacred is the existence of perfect realities in which man is surrounded by abundant resources and gifts, a perspective that today encompasses the so-called utopia. With this in mind, this article aims to discuss a possible representation of the sacred in the cordel *Uma viagem ao céu*, by cordel writer Leandro Gomes de Barros. To this end, the methodology used is interpretive in nature with a qualitative approach, so that it is possible to understand the sacredness of heaven created by the poet from Paraíba during the poetic narrative of the cordel *Uma viagem ao céu*. The theoretical contribution is based on Eliade's (2018; 2019) and Durand (2012) reflections on the relationship between man and the divine, as well as on the contributions of Alves (2018) and Wanderley (2024) regarding the literary production of Leandro Gomes de Barros and the relationship between cordel literature and Greco-Roman mythology. The results show that the heaven created by the writer from Paraíba, in addition to functioning as a critique of the ills of society, presents the sacred as a force representing higher planes of existence. It can therefore be concluded that in order to achieve such ideal realities, it is essential to take steps that encourage the incessant search for the forces located in the celestial archetype.

Keywords: Cordel. Leandro Gomes de Barros. Sacredness. Utopia.



Introdução

A tentativa de compreender as manifestações divinas, isto é, aspectos do sagrado, está presente nas mais diversas práticas ritualísticas do mundo. Entre as crenças e as religiões que moldam os paradigmas do mundo, reverberam códigos, ritos e vestimentas que, cada qual a seu modo, incitam a busca pelas forças transcendentais da vida. Por mais que possamos analisar certas condutas litúrgicas como distantes do nosso cotidiano, é fato que a força do sagrado permanece presente no dia a dia de incontáveis pessoas, pois tal potência impele a cosmovisão desses indivíduos e unifica o laço religioso de muitos grupos. A título de exemplo, a noção de paraíso enquanto realidade virtuosa e benéfica significa, segundo as reflexões de Eliade (2019), uma espécie de nostalgia dos tempos primordiais, tempo esse em que o homem desconhecia as doenças, o trabalho e vivia em completa plenitude.

O arquétipo do paraíso também pode ser apontado como produto da ação humana, uma vez que, por intermédio do processo de fabulação, tão comum na literatura as pessoas constroem realidades fictícias, estas representativas do desejo humano de retornar à condição inicial. Uma forma exemplar de tal idealização é a “utopia”, cuja caracterização significa um “não lugar”, e foi concebida pelo humanista Thomas More no século XVI. Com o desenrolar do tempo, a palavra ganhou força significativa a ponto de designar qualquer realidade idealizada, geralmente relacionada à satisfação de desejos físicos e intelectuais, podendo funcionar, portanto, como crítica a precariedades do mundo.

Posto isso, o presente trabalho busca discutir uma possível representação do sagrado no cordel *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros. Para isso, será discutida a construção fictícia do céu considerando seus aspectos sagrados em contato com a jornada do eu-lírico, demonstrada através dos excertos da obra. Ressaltamos a importância desta discussão tendo em vista a pluralidade de temas que compõe o cordel, e o sagrado, enquanto manifestação de uma ordem transcendental, permite o olhar crítico a respeito de como diferentes domínios da realidade humana podem ser mesclados; portanto, o folheto de Leandro Gomes de Barros, ao narrar sobre o “céu”, mostra a relevância deste quando discute aspectos relacionados ao mundo profano, enfatizando críticas sociais, humor e reflexões sobre a poética atemporal do cordelista paraibano.

A seguir, discutiremos a noção de sacralidade associada ao movimento de verticalidade de Durand (2012). Feito isso, discorreremos também acerca da produção literária de Leandro Gomes de Barros, visando a compreensão das vivências do poeta paraibano e das possíveis influências para a construção do cordel *Uma viagem ao céu*. Por fim, discutimos o referido cordel de forma a compreender como o poeta constrói a sacralidade da narrativa, o que permite, consequentemente, as considerações finais deste artigo.

1. O sagrado e a poesia utópica de Leandro Gomes de Barros

Nesta seção, discutiremos pormenores relacionados ao processo de sacralização do mundo, com especial enfoque na noção de “paraíso”. Em seguida, também dissertamos sobre aspectos gerais do fazer poético de Leandro Gomes de Barros, tendo em vista uma discussão mais coerente com os dilemas contidos no cordel *Uma viagem ao céu*. Para cumprir os desígnios estabelecidos, baseamo-nos em Alves (2018), Durand (2012), Eliade (2018; 2019) e Wanderley (2024).



1.1 A sacralidade do paraíso

Quando refletimos acerca do potencial significativo dos mitos, é fato que construir definições precisas se torna uma tarefa árdua, uma vez que tais fabulações estão associadas a complexos culturais singulares. Nessa linha de raciocínio, a reflexão de Wanderley (2024, p. 4) se torna pertinente quando a autora afirma que

[...] o mito é ilimitado em seu tempo e em sua riqueza de interpretações. A multiplicidade interpretativa deste talvez se deva à proximidade que tem com o inconsciente coletivo em qualquer sociedade, pois, em sua profunda significação cultural, a capacidade de mitização é comum ao ser humano em qualquer grupo social a que este pertença e em qualquer etapa de sua vida.

Isso significa dizer que o processo de mitização, ou seja, a criação de estruturas míticas, está intrinsecamente relacionado aos mais variados grupos humanos. Posto isso e concebendo o mito como narrativa primordial, porquanto recapitula cosmogonias e evidencia a ação divina no mundo terreno, podemos inferir que a presença do sagrado está presente nessas narrativas. Justificamos essa afirmação uma vez que a noção assumida de sacralidade neste trabalho está em concordância com as explicações de Eliade (2018, p. 17) acerca do sagrado como manifestação oposta ao profano, produzindo as chamadas hierofanias. Dito isso, tudo aquilo que se apresenta para o homem, para a sua mundanidade e se mostra como algo *revelado*, representa o domínio sacro.

Sendo assim, a fabulação humana e os processos de atuação divina no mundo são fenômenos interligados, pois, desde tempos primordiais, diversos mitos e fábulas coexistem em detrimento da existência de formas superiores de vida, por exemplo, deuses/deusas e planos divinos. Esse fato pode ser justificado porque, considerando a mentalidade de diversas sociedades arcaicas, o tempo não se classifica cronologicamente; na verdade, o mundo é visto de forma cíclica, e os mitos, como narrativas da criação, realizam movimentos de retorno como tentativa de alcançar o tempo mítico, *in illo tempore*.

Tal percepção pode ser compreendida da seguinte forma: embora no mundo contemporâneo exista certo estranhamento da sociedade pós-moderna em relação ao fenômeno da sacralidade, não podemos desconsiderar a referida força na constituição da própria individualidade humana, afinal, praticamos e exercemos condutas muitas vezes associadas à dimensão sacra, por exemplo, atividades religiosas, celebrações, festividades e, no plano literário, a fabulação. Essas atividades permitem que momentaneamente sejamos capazes de romper o “agora”, adentrando, por conseguinte, em mundos transcendentais, onde o divino atua em contato com o profano.

A própria concepção de paraíso, como bem afirma Eliade (2019), está contida nos mitos da seguinte forma: “[...] todos esses mitos apresentam o Homem primitivo como desfrutando de uma beatitude, de uma espontaneidade e de uma liberdade que lamentavelmente perdeu em consequência da *queda* [...]” (Eliade, 2019, p. 66, grifo do autor). A constância do arquétipo do paraíso pode ser percebida em diversas religiões, mas sua importância simbólica está não somente na abundância dos recursos, mas, acima de tudo, no movimento pelo qual impulsiona a consciência humana. Durand (2012, pp. 125-127, grifos do autor) observa algumas possibilidades míticas de ascensão



O esquema da elevação e os símbolos verticalizantes são por excelência "metáforas axiomáticas", são as que, mais que quaisquer outras, "obrigam", diz Bachelard, o psiquismo inteiro [...] É portanto natural que esses esquemas axiomáticos da verticalização sensibilizem e valorizem positivamente todas as representações da verticalidade, da ascensão à elevação. É o que explica a grande frequência mitológica e ritual das práticas ascensionais": o *durobana*, a subida difícil, da Índia védica; o *clímax*, escada iniciática do culto de Mitra; a escadaria cerimonial dos trácios; a escada que permite "ver os deuses" de que nos fala o *Liuro dos mortos* do antigo Egito; a escada de bétula do xamã siberiano. Todos esses símbolos rituais são meios para atingir o céu.

O céu se revela como pináculo do movimento ascensional. Durand (2012) discorre sobre a importância da verticalidade, associada ao plano celeste, o que implica romper a linearidade do mundo e alcançar formas moralmente, fisicamente e ontologicamente superiores, isto é, o reino dos deuses ou da Bem-aventurança prometida no paraíso cristão. Contrariamente, torna-se relevante para nós compreender o processo de mudança ontológica da queda, pois simboliza o afloramento de uma nova condição humana, permeada pela mortalidade e pela escassez de recursos.

Agora, a humanidade está distante do céu; todavia, mantém a nostalgia dos tempos em que vivia no estado de beatitude, esta representada em incontáveis mitos e na ficção. Nessa linha de raciocínio o paraíso primordial pode impulsionar a imaginação humana e, tendo em vista as demandas sociopolíticas características do mundo após o período das Grandes Navegações, servir de base para construções fictícias, em outras palavras, utópicas. Com isso, observamos o céu utópico de Leandro Gomes de Barros como manifestação do sagrado paradisíaco, de forma que a jornada da voz poética do cordel contextualize os traços desse arquétipo primordial.

1.2 Leandro Gomes de Barros e o paraíso celeste de *Uma viagem ao céu*

A produção cordelística de Leandro Gomes de Barros é representativa do final do século XIX e início do século XX. Tratamos essencialmente de um autor profundamente influenciado pelo meio no qual está inserido, sendo assim, a cultura popular, desde sua infância, sempre esteve presente. Para além do conteúdo de suas obras, o contexto socioeconômico revela facetas particulares das vivências do poeta paraibano, como bem afirma Lacerda (2022, p. 111-112), ao mencionar o crescimento populacional e o processo de modernização de Recife durante a estadia do cordelista.

O contexto então aponta que Leandro Gomes de Barros, almejando dedicar sua vida à produção e à venda de cordéis, vivia em constante trânsito na capital pernambucana. Interagindo com públicos distintos e compreendendo as vivências do grande centro urbano e do interior, podemos supor que o poeta conhecia em demasia o público com quem dialogava, logo, podia escrever sobre os mais variados temas. Tal percepção pode ser corroborada quando compreendemos o seguinte fato sobre a vida do poeta paraibano: "Vivia de sua poesia, mas sem grandes rendimentos. Como sujeito social era, portanto, inserido no grupo dos excluídos da modernização urbana, expelidos para as zonas periféricas [...]" (Lacerda, 2022, p. 114). Esse autor conclui o pensamento afirmando, por outro lado, a pertinência da condição de "poeta em trânsito", afinal, apesar de viver no grupo dos excluídos, Leandro sempre se manteve em constante movimento. Ressaltamos, com isso, o profundo entendimento do cordelista para enxergar as particularidades humanas e modelar seu céu utópico, onde a fantasia e o



cômico entram em harmonia. Deve-se ressaltar, ainda, a relevância tanto do trabalho de Leandro quanto de outros poetas populares, uma vez que

[...] essa “tradução”, elaborada na linguagem do povo, muitas vezes, funcionou como a única forma que este público leitor teve para ter acesso a esse universo de fantasia que também espelha questões fundamentais da condição humana, como honra, valentia, compaixão, amor, entre muitos outros (Wanderley, 2024, p. 5).

O cordel do poeta paraibano possui clara inspiração na sacralidade cristã, o que é comum, uma vez que a presença de elementos míticos/religiosos nas obras populares é um fato constante na história dos cordéis. Isso significa, como bem afirma Wanderley (2024) no trecho transcrito acima, que o acesso à literatura popular também funciona como vereda para se aprofundar em temáticas, embora antigas, extremamente relevantes no processo de desenvolvimento humano. Nessa linha de raciocínio, o céu criado por Leandro Gomes de Barros pode nos confrontar com situações satíricas e que, ao mesmo tempo, mostrem caminhos de interação entre o profano e o divino, tema este incorporado na estrutura poética do cordel e nas desventuras narradas.

Considerando o cordel *Uma viagem ao céu*, temos a jornada de um pobre vendedor de fiado rumo ao céu, acompanhado por uma alma cujo desejo por “aguardente imaculada” se mostra evidente. Desse modo, o cordel retrata de forma cômica a viagem do vendedor em contato com as maravilhas e surpresas do céu, que contrariam a precariedade do mundo comum, até seu retorno à terra, ainda fustigado pela pobreza. O cordelista, ao longo da narrativa poética, evidencia temas religiosos, injustiça social e o humor característico de sua poesia, construindo, com isso, um enredo plurissignificativo, capaz de brincar com temas sacros e incorporá-los a uma ótica hierarquicamente “superior” e, simultaneamente, mundana, o que gera comicidade e reflexões no decorrer da trama.

O céu de Leandro é composto, além da alma perdida, da figura de São Pedro e de Santa Bárbara, por construções utópicas que representam tanto a satisfação das necessidades básicas quanto dos anseios materiais, como se percebe pelas estrofes seguintes

Vi a horta de São Pedro
Arvoredos bem criados,
tinha pés de plantações
que estavam carregados
pés de libras esterlinas
que já estavam deitados.

vi cerca de queijo e prata
e lagoa de coalhada
atoleiro de manteiga
mata de carne guisada
riacho de vinho do porto
só não tinha imaculada (Barros, 2010, p. 5).

O céu, com base nos versos transcritos acima, possui elementos mágicos a ponto de fazer crescer plantações de comida e de pedras preciosas crescerem com facilidade, o que encanta o eu-lírico. Como gesto cordial, São Pedro oferece pés de dinheiro para o vendedor de fiado, sendo a salvação para seu negócio e para sua vida; contudo, na viagem de volta para o mundo comum, o vendedor é atacado pelo espírito da sogra, que escapa momentaneamente do Purgatório para atrapalhar seu retorno. O encontro fatal



faz o vendedor perder as recompensas do céu e, conseqüentemente, voltar ao estado paupérrimo do início do cordel.

2. O céu e a sacralidade do cordel de Leandro Gomes de Barros

A dificuldade para classificar os cordéis de Leandro Gomes de Barros se justifica pela diversidade temática que sempre acompanhou a produção poética do autor. Por outro lado, podemos contextualizar sua produção conforme o conceito de Pereira (2018, p. 53) quando este nomeia o chamado “Projeto de nação excludente”, pois Leandro, por intermédio de suas vivências, esteve em constante contato com a população marginalizada do século XIX-XX. Nesse viés, o poeta paraibano incorporou em seus versos os anseios, sonhos e dilemas do povo, cujo *leitmotiv* engloba as facetas da marginalização e, ao mesmo tempo, da imaginação popular.

2.1 Uma viagem ao céu ou a jornada de um vendedor de fiado

O início do cordel nos apresenta a um pobre vendedor que relata, em uma estrutura poética de sextilhas, o seguinte caso: certo dia, uma alma aparece em sua loja para tomar aguardente. Como forma de agradecimento, a visita inesperada sugere que o homem a acompanhe para o céu

Perguntei-lhe alma quem és?
Disse ela: tua amiga
Vim te dizer que te mude
Aqui não dá nem intriga
Quer ir lá para o céu comigo?
Lá é que se bota barriga (Barros, 2010, p. 2).

De imediato, a trama, embora permeada pelo caráter humorístico, retrata dois planos dicotômicos: o mundo profano, lar do vendedor; e o céu, local sagrado. A questão é que os referidos domínios se chocam quando a alma aparece em busca de bebida com o vendedor, pois é um fato mágico e, simultaneamente, surpreendente pela comicidade da situação: que necessidade uma alma teria para ir atrás de bebida alcoólica? Após isso, o convite de ir ao céu é feito, o local onde “se bota barriga”. Com essa introdução, Leandro já está tecendo o imaginário celeste como um lugar de abundância de recursos. Existe, portanto, a tentativa de alcançar a realidade sacra, fato comum no panorama geral da história das religiões, pois

[...] as várias religiões que se formaram no decorrer da história apresentam como meta fundamental a existência e reverência a um transcendente que habita um ambiente humanamente inacessível, só alcançado através dos ritos de ascensão celeste, dentre estes a morte, na qual a alma abandona a condição humana (Alves, 2018, p. 11).

No enredo do cordel, não temos a morte da voz poética, entretanto, sua ascensão celeste é notória pelo convite da alma, uma vez que tal empreitada exige o movimento ascendente, este realizado por intermédio do “automóvel do vento”

E lá subi com a alma



num automóvel de vento
então a alma me mostrava
todo aquele movimento
as maravilhas mais lindas
que existe no firmamento (Barros, 2010, p. 3).

O sagrado nessa realidade não se manifesta como força essencialmente normativa do ponto de vista religioso, afinal, o imaginário da cultura popular, sempre tão bem representado por Leandro, se inter-relaciona com as vertentes temáticas da obra, de modo consequente, abre-se espaço para o riso, a crítica social e a mudança de paradigmas. A título de exemplo, basta observarmos a figura de São Pedro, o guardião das portas celestes

São Pedro aí perguntou:
O mundo lá como vai?
Eu aí disse: meu Santo
Lá, filho rouba do pai
Está se vendo que o mundo
Por cima do povo cai

Eu ainda levava um pouco
Da gostosa imaculada
Dei a ele e ele disse:
Aguardente raciada!
E aí me disse: entre
Aqui não lhe falta nada (Barros, 2010, p. 4).

O Santo, evidentemente agradecido pela “aguardente raciada”, convida o eu-lírico para entrar no céu. Nesse ínterim, temos a explanação dos problemas do mundo profano, tanto pela alma quanto pela voz poética: “lá, filho rouba do pai”. A crítica feita pelo vendedor retrata o mundo como um lugar assolado pela desonestidade, onde, inclusive, os laços familiares estão fragilizados.

Esse encontro de singularidades forma um mosaico heterogêneo de vertentes temáticas onde todas coadunam em direção ao céu fictício. Inclusive, nesse momento, ocorre a descrição minuciosa das maravilhas do mundo utópico, já transcritos: pés de libras esterlinas, lagos de coalhada, mata de carne guisada, riacho de vinho, em conjunto com outras riquezas. A caracterização do espaço, logo, comunica-nos os alicerces de uma clara utopia, cujas fortunas abastecem demandas físicas e financeiras, fato esse coerente com a situação crítica do eu-lírico por tentar sustentar um negócio falido. Sendo transcendente, o céu na poesia de Leandro Gomes de Barros adquire os atributos básicos da sacralidade celeste, pois as “[...] regiões superiores inacessíveis ao homem, as zonas siderais, adquirem o prestígio, da realidade absoluta, da eternidade” (Eliade, 2018, p. 100). De fato, não há espaço para o finito no céu, porquanto se trata do local infinito por excelência, o que implica abundâncias diversas. Contrariamente, ainda que possamos apontar os pilares da sacralidade celeste, tal noção, como já dissemos, é reformulada no enredo do cordel pelas outras variáveis. Como afirma Alves (2018, p. 20)



De acordo com a crendice popular, o Céu representa o lugar mais improvável para se encontrar uma alma perdida, muito menos uma alma que desce do céu e aprecia aguardente, entretanto o imaginário do poeta passa por essa magia ao encontrar espaço onde comumente não se encontra, de colocar o profano no espaço do sagrado e vice-versa, principalmente quando apresenta um São Pedro incapaz de produzir ou cultivar um produto tão comum nas roças nordestinas.

Pela percepção acima, *Uma viagem ao céu* aborda uma forma de sagrado ambíguo ou, em outras palavras, heterogêneo, uma vez que está imbuído em particularidades do jocoso, do político e do mitológico. À primeira vista, a união de tais elementos parece incongruente, mas o desenrolar do cordel comprova a sagacidade do poeta paraibano para encantar os leitores com a linguagem rítmica e as imagens estimuladas pelos versos. No fim, temos um mosaico interligado por vertentes temáticas que tanto fascina pela fantasia proposta quanto incitam reflexões sobre a condição humana. Essa perspectiva é comentada por Ayala (1997, p. 168) quando a autora menciona que o fazer da cultura popular é justamente sua hibridização, o que dificulta classificações rígidas e, ao mesmo tempo, constitui sua maior riqueza por impulsionar tradições, danças, crenças e memória.

Seriam realmente as riquezas do céu tão extraordinárias a ponto de estarem restritas a um domínio sagrado ou, na verdade, trata-se de uma sacralidade aparente? Não existem lagos de coalhada, todavia, a satisfação de necessidades básicas não deveria, em tese, já ser uma conquista da humanidade? O sagrado está presente no cordel, mas a mensagem, além do humor, fomenta tais discussões sobre justiça social.

O movimento de retorno da voz poética, já em posse dos tesouros do céu que garantiriam sua vida confortável, é interrompido pela sogra do vendedor. Numa tentativa de fugir do Purgatório juntamente com o eu-lírico, a sogra condena o transporte do narrador, o que ocasiona a perda das recompensas adquiridas no plano divino

Aí a velha voltou
Rogando praga e uivando
Quando entrou no purgatório
Foi se mordendo e babando
Dizendo tudo de mim
Lançando fogo e falando

Bem dizia meu avô:
Sogra, nem depois de morta
Fede a carniça de corpo
A língua da alma corta
Não diz assim quem não viu
Uma sogra em sua porta (Barros, 2010, p. 7).

Pelos versos acima, percebemos a representação da sogra como um ser maléfico, fato esse que, mais uma vez, demonstra a sagacidade do cordelista, pois a sacralidade do espaço é aliada à sabedoria popular do caráter endiabrado das sogras. Desse modo, o sagrado é ampliado para contemplar situações cômicas, sem desconsiderar, é claro, a fatalidade do destino da sogra, porquanto o Purgatório é a região para onde vão as almas ainda em processo de purificação antes de alcançar o céu. Embora tanto o início quanto o término da narrativa poética destaquem a pobreza que assola a voz poética, existe outro aspecto dessa jornada que merece ser salientado, isto é, o meio responsável por



romper o plano mundano e alcançar a dimensão sacra: o voo mágico. Temos, em linhas gerais, duas mudanças ontológicas dentro da história: como gesto de recompensa pela aguardente, a alma convida o vendedor para o céu e os dois viajam no “automóvel do vento”; depois, o vendedor retorna ao plano terreno e, infelizmente, é vítima da própria sogra. Tais viagens não são executadas de modo comum, uma vez que significam alternância entre realidades distintas. Sendo assim, como poderíamos caracterizar o referido processo? Nas palavras de Mircea Eliade, os mistérios do voo e da ascensão celeste representavam uma variável constante nas culturas arcaicas, e a intensidade de tais complexos-míticos se justifica não pelo voo em si, mas sim pela capacidade de abolir o peso corporal, o que denota, consequentemente, mudança ontológica, de um estado de ser para o outro (Eliade, 2019, p. 112). Nesse plano de análise, a voz poética sofreu alguma transformação interna, não apoteótica, ainda que suficiente a ponto de permitir sua viagem transcendental. O movimento ascendente é auxiliado com o automóvel de vento, o retorno provém da ajuda de Santa Bárbara, quando esta fala o seguinte

— Bota cangalha num raio
E a sela num trovão
Veja se arranja um corisco
Para ele levar na mão
Porque daqui para a terra
Existe muito ladrão (Barros, 2010, p. 6).

O contexto geral então nos viabiliza a pensar que, no cordel de Leandro Gomes de Barros, a força do sagrado pode atuar por intermédio de um sistema de favores: o vendedor acolhe a alma perdida e a presenteia com a aguardente. Como gesto de recompensa, o visitante místico retribui com a viagem ao céu, ou seja, concede temporariamente a transformação ontológica do vendedor para que ele possa alcançar o domínio utópico com o voo celeste. Posteriormente, é a aguardente dada a São Pedro que permite a entrada no céu. A dinâmica dessa narrativa, por conseguinte, fomenta discussões curiosas a respeito de uma possível corrupção do universo divino, que se refletem também no percurso até a terra, “existe muito ladrão”, como se mostra no fragmento do cordel.

Ademais, também devemos nos indagar acerca da utilidade de elementos da cultura humana no céu utópico de Leandro. Qual a necessidade de libras esterlinas, prata ou carne guisada no paraíso, supondo o modelo de existência supra-humano característico de tal realidade? Cremos que esse tópico permite concluir, pelo menos no momento, que o sagrado e a utopia em *Uma viagem ao céu* funcionam como projeção das necessidades humanas, estas intimamente representadas pela precariedade da vida e do negócio da voz poética, que, pela magia do céu, vislumbra a possibilidade de escapar da miséria ao receber presentes de São Pedro: “Galhos de libras esterlinas, deu-me cento e vinte pés [...]” (2010, p. 6). Dito de outro modo, trata-se de um reflexo dos anseios terrenos, dos sonhos inalcançados e das fantasias miraculosas que povoam o imaginário coletivo¹.

O mundo profano está repleto de corrupção, fato esse mencionado pelo vendedor, por isso, para suprir as necessidades humanas, é preciso executar uma viagem transcendental até o domínio sagrado. No entanto, diferentemente do mundo do cordel

¹De fato, a utilização do imaginário coletivo se mostra pertinente na poesia de Leandro, pois, conforme Lacerda (2022), a carestia sempre foi muito representada nos cordéis do poeta paraibano, principalmente no tocante à falta de políticas públicas para atender as necessidades da população.



de Leandro, nossa realidade não possui “lagoas de coalhada” ou “pés de libras esterlinas”, essas são apenas projeções utópicas de algo que, além dos nítidos elementos mágicos, poderia consertar problemas do mundo: a fome e a pobreza. Ainda assim, a condição corrupta da realidade mundana, em oposição ao modelo utópico do céu, pode funcionar como elemento basilar para permitir a ascensão, como discute Durand a seguir

Goela, abismo, sol negro, túmulo, esgoto e labirinto são os desencadeadores psicológicos e morais que põem em evidência o heroísmo da ascensão. A característica de todas essas escadas é serem celestes e mesmo, algumas vezes, celestes em sentido próprio, ou seja, astronômicas, os sete ou nove escalões correspondendo aos planetas, o último, luminoso e dourado, consagrado ao sol (Durand, 2012, p. 128).

Tudo aquilo visto como *baixo* atua de modo complementar com o *alto* pelo fato de incitar o movimento de ascensão. A reflexão de Durand, então, estimula uma ótica diferente para o plano profano narrado pelo cordelista. Existem, decerto, variáveis negativas que denunciam a fragilidade moral, financeira e social do mundo em *Uma viagem ao céu*, mas não são justamente esses elementos que nos revelam o que está errado e, por conseguinte, aquilo que pode ser? O vendedor de fiado alcança o sagrado sem agir em prol da humanidade, apenas denuncia sua corrupção, seu heroísmo é aparente. Nós, leitores, por outro lado, podemos enxergar tais planos de existência: para alcançar o alto, é necessário reconhecer que o baixo existe, ou seja, aquilo que é inaceitável e resultado da maldade alheia, da corrupção e da desonestidade. Somente assim podemos atingir formas moralmente válidas.

Neste tópico da discussão, é possível julgar que o raciocínio construído esteja adentrando domínios pouco factuais, o que não seria um equívoco. Ainda assim, tratar de literatura e, por consequência, de literatura popular, impele-nos a atravessar os caminhos da imaginação e da ficção. Antes de tudo, estamos lidando com uma construção utópica, ou seja, uma projeção criativa cujo conteúdo deve espelhar a realidade idealizada. Em linhas gerais, a utopia é um produto da experiência humana, então o cordel de Leandro Gomes de Barros se apropria das contradições e precariedades do mundo para construir a utopia celeste, associada a discussões políticas, sociais e humorísticas.

Wanderley (2024, p. 3) menciona uma consideração relevante a respeito do nosso contato com o cordel tematizado com mitologemas

[...] é possível observar que, no caso da literatura de cordel, ao unir o conteúdo clássico vinculado ao mito à poesia popular, ela também coloca em evidência aspectos como a recepção e o processo de ressignificação atribuído ao mito greco-romano no seio dessa literatura de profundo caráter cultural.

O processo de ressignificação mencionado pela autora é uma variável constante no trabalho com literatura. Estamos sempre usufruindo dos mecanismos significativos dos textos literários e estabelecendo pontes entre seu conteúdo e nosso panorama de experiências. No caso de *Uma viagem ao céu*, o vendedor de fiado termina sua aventura pobre mais uma vez; por outro lado, que aspectos relevantes dessa jornada rompem nossas expectativas e, esperançosamente, articulam nossos saberes como mecanismo de crescimento pessoal? Mais uma vez, cremos na relevância da sacralidade discutida no cordel: se ainda não podemos alcançar o paraíso, ao menos podemos trabalhar nossas ações a ponto de exercermos continuamente forças positivas no mundo, de forma que, contrariamente ao cordel de Leandro, a utopia humana não esteja localizada em planos



transcendentais, mas que seja construída na profunda mundanidade que nos cerceia, pois, no fim, somos os verdadeiros agentes da utopia.

Considerações finais

Durante o desenvolvimento deste artigo, objetivou-se discutir uma possível representação do sagrado no cordel *Uma viagem ao céu*, de Leandro Gomes de Barros. Para tal feito, analisamos a jornada da voz poética considerando sua visita à região utópica do céu e o encontro com figuras religiosas e elementos fantásticos. Desse modo, foi possível perceber que o vendedor de fiado consegue alcançar o domínio celeste graças ao favor prestado à alma, que o convida para viajar no automóvel de vento, símbolo da ascensão. Além disso, refletimos acerca da sacralidade do céu e da utopia, cujos conteúdos, embora fantasiosos, denunciam as fragilidades da cultura humana, onde a injustiça social e a pobreza reinam.

A leitura do cordel de Leandro Gomes de Barros favorece nosso contato com diferentes eixos temáticos que, como discutido durante o desenvolvimento deste artigo, acentuam a extrema complexidade da poesia do poeta paraibano e o seu profundo conhecimento acerca dos sonhos, desejos e mazelas do povo. É justamente nesse ponto, considerando a força imaginativa dos povos, que a temática da utopia no cordel ganha relevância.

Fica clara a presença do sagrado ao notarmos planos de existência distintos: o sagrado e o profano, aquele profundamente imerso em riquezas abundantes. Não parecem existir qualidades necessárias para usufruir desses bens, apenas uma troca de favores sugerida pela alma em busca de aguardente; portanto, o que se percebe de antemão é a prevalência de um sagrado distorcido. Isto significa que, conquanto exista o céu na obra, a comicidade e a ironia do poeta, bem como a possível conclusão da entrada no plano celeste não ser conquistada por mérito individual, articulam-se em prol do efeito múltiplo do cordel de Leandro.

Ainda assim, cremos que a existência do sagrado e a evidente necessidade de movimentos ascendentes para alcançá-lo são variáveis capazes de estimular nossa percepção sobre desenvolvimento pessoal. Diversas religiões e mitologias prescrevem os mitos e as práticas ritualísticas porque, *in illo tempore*, o céu e a terra eram próximos, o que favorecia ritos capazes de gerar essa conexão entre os planos. Nossa conclusão se baseia na seguinte afirmação: ainda que não possamos identificar ferramentas como o automóvel de vento para alcançar um mundo idealizado, o cordel de Leandro, juntamente com outras obras representativas da literatura mundial, podem ser poderosos catalisadores para nos lembrarem que o mundo utópico só pode existir por intermédio da ação coletiva, a partir do momento em que somos capazes de identificar as falhas e as precariedades da realidade. Certamente, no mundo de hoje, prevalecem a guerra, o roubo, a desonestidade e a ganância, mas também existem exemplos de fé e de esperança.

Logo, é imprescindível realizar movimentos ascendentes em busca do mundo sagrado, não com o objetivo de alcançar existências perfeitas, pois elas não existem. Na verdade, a proposta é, com nossos saberes, desenvolver práticas mais humanas, unir pessoas através da arte, da literatura e das ações para, posteriormente, permitir que nossa imperfeita utopia possa ser construída neste mundo, sempre objetivando aquilo que está acima, não no sentido hierárquico, mas em prol daquilo que pode iluminar a raça humana em sua persistente odisseia de desenvolvimento.



Referências

ALVES, Cícero. **As pelejas de um sertanejo numa viagem bem divina**: uma análise do cordel uma viagem ao céu de Leandro Gomes de Barros. Orientadora: Profa. Dra. Araceli Sobreira Benevides. 2018. 23 f. Monografia (Graduação em Ciências da Religião) – Curso em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.apps.uern.br/xmlui/handle/123456789/1279>. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

AYALA, Maria Ignez Novaes. Riqueza de pobre. *In: Literatura e sociedade*: revista de teoria literária e literatura comparada USP, São Paulo; n. 2, p. 160-169, 1997.

BARROS, Leandro Gomes de. **Uma viagem ao céu**. Timbaúba: Folhetaria Cordel, 2010. 8 p.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução de Helder Godinho. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 2019.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

PEIXOTO DE LACERDA, Erasmo. O cordel de Leandro Gomes de Barros: um retirante na capital pernambucana, um poeta entre dois mundos. **Fronteiras**, [S. l.], v. 24, n. 43, p. 107–125, 2022. DOI: 10.30612/frh.v24i43.15964. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/15964>. Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

PEREIRA, Diego Ramon Souza. **A poética popular nordestina no período da 1ª República (1889-1918)**: os cordéis de Leandro Gomes de Barros. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Borges Alves. 2018. 71 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFBA-2_75f89ca297269df435067dbc98497b7e. Acesso: 24 de janeiro de 2025.

WANDERLEY, N. de A. O erudito e o popular: O mito greco-romano em versos de cordel. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 40, n. único, p. e4050 | p. 1–21, 2024. DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-50. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/74126>. Acesso em: 15 de janeiro de 2025.